



CCB

exóticaOrchestrUtopica

ORCHESTRUTOPICA < **Director** José Júlio Lopes | **Maestro titular** Cesário Costa | **Produção** Élio Correia | **Assistente** Helena Romão | **Presidente da Mesa da Assembleia Geral** Paula Gomes Ribeiro | **Presidente do Conselho Fiscal** André Sá Machado | **Maestros convidados** Yu Feng (Chi), David Allen Miller (EUA), Odaline de la Martínez (GB), Tapio Tuomela (Fin), Fabián Panisello (ARG), Jean-Sébastien Béreau (FR), Olivier Cuendet (SUI), Santiago Serrate (ESP), Joan Cerveró (ESP), René Bosc (FR) | **Solistas convidados** Ana Ester Neves, soprano (POR), Nicole Tibbels, soprano (GB), Fredrik Burstedt, violino (SE), Pedro Meireles, viola (POR), Yeree Suh, soprano (COR), Monique Krüß, soprano (NL), Guillaume Grosbard, violoncelo | Compositor-residente > João Madureira (2004); Nuno Correia-Real (2005).
A **OrchestrUtopica** é uma Associação Cultural Sem Fins Lucrativos | copyright © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 & 2009 ORCHESTRUTOPICA | Todos os direitos reservados | O logotipo e a designação **OrchestrUtopica** são propriedade da ORCHESTRUTOPICA ACSFL | A **OrchestrUtopica** é uma estrutura apoiada financeiramente pela Direcção-Geral das Artes – Ministério da Cultura (2003, 2004; 2005/2008; 2009/2012).
Concerto Exótica | 86.º concerto | Direcção artística do projecto: José Júlio Lopes | co-produção: ORCHESTRUTOPICA / CCB | Produção executiva: OU – Élio Correia | Conteúdos, traduções e adaptação de conteúdos: Helena Romão | Créditos da OU e/ou dos autores identificados | EXÓTICA @@@ (incluindo textos), 2009, ORCHESTRUTOPICA ACSFL

KATHARINE RAWDON flauta
LUÍS GOMES clarinete
ELIZABETH DAVIS percussão
ANDRÉ MIRANDA percussão
FILIPE ESTEVES percussão
JORGE OLIVEIRA percussão
LEA CARDOSO percussão
NUNO ROCHA percussão
NUNO MORÃO percussão
NICHOLAS MCNAIR piano
CECILIU ISFAN viola
JED BARAHAL violoncelo
PETIO KALOMENSKI contrabaixo
JOSÉ LUÍS FERREIRA electrónica

Gamelão gentilmente cedido
pela Fundação Oriente.
A OrchestrUtopica deseja tornar público
o seu agradecimento ao Dr. João Amorim,
à Fundação Oriente, Dr. Perry
e Embaixada da República Indonésia.

intérpretes



© Miguel Ribeiro

exótica

OrchestrUtopica

29 Novembro '09 < Pequeno Auditório — Sala
Eduardo Prado Coelho < 17h < M/6 anos

programa

JOHN CAGE

Haikai*

para ensemble
de gamelão
(1986) 20'

LUÍS TINOCO

King George I,

as Seen in Schiaparelli's Telescope,
Sailing his Barge upon
Martian Canals
(2008) 7'30"

JOSÉ JÚLIO LOPES

Terimakesih**

(2009)

IVAN MOODY

Birth of Leaves***

(2009)

* Estreia em Portugal

** Estreia absoluta

*** Estreia absoluta

e encomenda da OrchestrUtopica

Uma experiência múltipla

A OrchestrUtopica inicia a sua temporada de 2009-2010, no CCB, com **Exótica**, um concerto em que o Gamelão está no centro das atenções. O nosso interesse por este instrumento vem praticamente do início do ensemble; já em 2005 a OrchestrUtopica realizou o I *Workshop* de Gamelão, na Culturgest, em Lisboa – encorajado pelo facto de a Fundação Oriente possuir um Gamelão de Java. Há ainda a considerar o larguíssimo repertório para este instrumento, praticamente desconhecido em Portugal, bem como o facto de existirem escolas de Gamelão em muitas das principais capitais europeias (por exemplo, em Londres, Paris, Amesterdão).

O Gamelão é originário da Indonésia (existe também na Malásia). Com raízes históricas anteriores à islamização da Indonésia (no séc XIV), a música, a dança e o teatro de Gamelão fazem parte intrínseca da cultura do país. Os dois principais tipos são o de Java e o de Bali (apesar de várias regiões das mais de 13 mil ilhas que compõem a Indonésia, fazerem adaptações dos dois géneros). As diferenças entre Java e Bali dizem respeito, entre outras coisas, ao modo de tocar.

O estilo musical do Gamelão de Bali é criativo e aberto à invenção musical, sendo fonte de novos géneros contemporâneos. Mais permeável às influências do ocidente, Bali gerou uma fusão de géneros que encoraja a criação de muitos tipos de composições. A música e a prática musical associadas ao Gamelão de Java (presente neste concerto) é mais tradicional e apropriada para palácios e templos, com uma tonalidade mais gentil e grave e com os seus cantores e padrões rítmicos constantes.

Existem duas afinações nas orquestras de gamelão: “slendro” (uma escala pentatónica) e “pelog” (uma escala de sete notas: divide a oitava em sete intervalos de dimensões variáveis). Para a visão estandardizada do ocidente, as afinações pouco precisas do Gamelão não são satisfatórias e provocam estranheza no ouvido. Mas, para os javaneses, a importância do “embat” (estrutura de intervalos) é crucial na definição da personalidade do instrumento – aquilo a que nós chamaríamos o “tempero”. Um ouvido treinado sabe apreciar as diferenças subtis entre as notas das escalas “slendro” ou “pelog” de um Gamelão para outro.

Na realidade, o Gamelão é uma orquestra, um instrumento de partilha colectiva de experiências nas múltiplas áreas do corpo, dança, música e teatro. São muitos os compositores ocidentais que têm revelado um interesse crescente por este instrumento fascinante, pela sua sonoridade e pelas suas possibili-

dade tímbricas e rítmicas. O concerto **Exótica** revela-nos algumas dessas obras e compositores, apostando na reciprocidade entre a cultura musical do Ocidente e a sonoridade do Oriente.

Na sequência do I *Workshop* de Gamelão promovido pela OrchestrUtopica, Elizabeth Davis esteve em Jacarta, com o apoio da Fundação Oriente e da Embaixada da Indonésia, para estudar Gamelão. A partir daí o interesse por este instrumento tem crescido no nosso país. **Exótica** será mais um passo num conjunto de outras iniciativas que incluem não só concertos, mas também *workshops* e cursos de Gamelão.

O concerto desta noite apresenta três compositores portugueses e duas obras em estreia absoluta, sendo uma delas uma encomenda da OU (Ivan Moody). John Cage, um dos primeiros compositores ocidentais a interessar-se pelo Gamelão, é uma referência central neste concerto, com a sua obra *Haikai*, para gamelão de Java.



JOHN CAGE
© Susan Schwartzberg, 1987



LUÍS TINOCO
© Nuno Ferreira Santos



JOSÉ JÚLIO LOPES



IVAN MOODY

JOHN CAGE

Haikai*

para ensemble
de gamelão

Haikai é uma forma poética japonesa com dezassete sílabas, geralmente divididas em conjuntos de 5-7-5. Em japonês, “haikai” é o plural de “haiku”. Esta obra insere-se no percurso de Cage, através de algumas das mais fortes características da sua música: a contraposição à organização tradicional do som como base da escrita musical, a grande importância da percussão — com integração de percussões asiáticas e das Caraíbas, o interesse pela cultura Zen e a composição aleatória. Esta obra foi composta para o Si Pawit - nome dado ao conjunto de Gamelão do Evergreen Club de Toronto. Cada página corresponde a um “haiku” de 17 eventos divididos em três compassos de 5-7-5 eventos, que podem corresponder a um som ou a um silêncio. Os eventos estão separados por instrumentos que tocam em uníssono “coreano”, ou seja, ligeiramente impreciso — um recurso originário da música clássica coreana que Cage utilizou em diversas obras.

COPYRIGHT © 2009, OU

JOHN CAGE

*Não tenho nada a dizer,
e estou a dizê-lo, e isso é arte.*

Nasceu em Los Angeles, em 1912. Estudou com Richard Buhlig, Henry Cowell, Adolph Weiss e Arnold Schoenberg. Em 1938 compôs a primeira peça para piano preparado, *Bacchanale*, para uma coreografia de Sylvia Fort. Em 1951 organizou um grupo de músicos e engenheiros para fazer a primeira música para banda

magnética. Em 1952 apresentou, no Black Mountain College, um evento teatral que é por vezes referido como o primeiro *happening*. Em 1978 foi eleito para a Academia Americana das Artes e Ciências, e em 1988 para a Academia Americana das Artes e Letras. Em 1982 a Legião de Honra francesa deu-lhe o título de Comendador da Ordem das Artes e das Letras. Entre as suas obras mais conhecidas encontram-se: *Constructions* para percussão (1939-1941), *Sonatas and Interludes* para piano preparado (1946-1948), *In a Landscape* para piano (1948), *Concerto para piano preparado e orquestra* (1951), o *incontornável 4'33"* (1952), *Radio Music para 1-12 rádios* (1956), *Concerto para piano e orquestra* (1957), *Fontana Mix* (1958), *Ária* para voz solo (1958), *Song Books* para voz solo (1970), *Apartment House* (1976), *Freeman Etudes* para violino solo (1977-1980), *Ryoanji* para diversos instrumentos (1984), e as várias “peças numeradas” (1988-1992), que começaram com *One* para piano solo (1988). Cage escreveu inúmeros livros, incluindo *Silêncio* (1961), *Notações* (1969), *M* (1973), e *Para os Pássaros* (1981). Os seus trabalhos gráficos incluem *Not Wanting to Say Anything About Marcel* (1969) e *Mushroom Book* (1974). John Cage morreu a 12 de Agosto de 1992 aos 79 anos.

LUÍS TINOCO

King George I, as Seen in Schiaparelli's Telescope, Sailing his Barge upon Martian Canals

Assistência informática musical de
JOSÉ LUÍS FERREIRA

Esta peça resultou de uma encomenda da Antena 2 para integrar um projecto promovido pela RAI 3, em articulação com a UER (União Europeia de Rádios), para assinalar os 250 anos da morte de Handel, em Abril de 2009. As várias estações de rádio participantes neste projecto encomendaram breves peças originais a diversos compositores, todas inspiradas na mesma página de *Música Aquática* de Handel. A instrumentação, contudo, era totalmente livre. Como há já bastante tempo que queria dedicar uma peça a Katharine Rawdon e a Elizabeth Davis, optei por participar neste projecto compondo para o duo Machina Mundi.

Entretanto, a Elizabeth adquiriu um *bonang* indonésio e lançou-me o desafio de integrar este instrumento na minha composição. Vi-me, assim, confrontado com a necessidade de combinar o *bonang* (e a sua peculiar afinação) com o *Andante* da Suite n.º 3, em Sol Maior, da *Música Aquática*.

A obra de Handel foi estreada em Julho de 1717, numa viagem do rei George I e dos seus convidados pelo rio Tamisa. O contexto desta estreia tornou-se decisivo para o meu trabalho, mas inspirei-me também nas pesquisas do astrónomo italiano Giovanni Schiaparelli (1835-1910) — celebrado por um conjunto de importantes descobertas sobre o sistema solar e por ter desenhado

o mapa de Marte e dos seus “canais” (que afinal não passavam de uma ilusão óptica).

Assim, **King George I, as Seen in Schiaparelli's Telescope...** é uma peça musical sobre o momento em que este astrónomo, ao espreitar para Marte pelo seu telescópio, é surpreendido por uma estranha visão do rei — acompanhado pela condessa de Godolphin e pelas duquesas de Bolton e de Newcastle —, navegando nos “canais” de Marte ao som da *Música Aquática*. Os sons de Handel, contudo, chegam-nos distorcidos e com bastantes interferências.

Esta peça foi concluída poucos dias depois de a agência espacial NASA ter anunciado o fim do contacto com a sonda Phoenix Mars Lander. Lançada em Agosto de 2007, esta sonda pousou em Marte no final de Maio de 2008, aterrou num deserto gelado perto do Pólo Norte e, durante mais de cinco meses, procurou água e condições para a vida. Segundo a Agência Reuters: “[...] A Phoenix não encontrou vestígios da presença do rei George I no Planeta Vermelho mas registou a queda de neve, arranhou pedaços de gelo e descobriu que a poeira marciana se parecia quimicamente com a água do nosso mar, o que reforça a crença de que o planeta já pode ter tido um ambiente líquido, favorável à prática musical [...]”

COPYRIGHT © 2008, LUÍS TINOCO

LUÍS TINOCO

Formou-se em composição na Escola Superior de Música de Lisboa. Posteriormente, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Nacional de Cultura, completou o mestrado em com-

* Estreia em Portugal

posição na Royal Academy of Music em Londres. Presentemente, encontra-se a fazer o doutoramento na Universidade de York, sob orientação de Nicola LeFanu. Paralelamente à sua actividade de compositor tem exercido funções docentes na Escola Superior de Música de Lisboa e em outras instituições de ensino. Enquanto programador e divulgador musical destaca-se a sua colaboração com a Antena 2 da RTP, como autor e produtor de programas radiofónicos dedicados à nova música, e mais recentemente assumindo a direcção artística do Prémio Jovens Músicos. A música de Luís Tinoco é publicada no Reino Unido pela University of York Music Press I www.tinocoluis.com. Projectos futuros incluem a composição de *Paint Me*, ópera encomendada pela Culturgest e com libreto de Stephen Plaice.

JOSÉ JÚLIO LOPES

Terimakasih **

para gamelão, clarinete baixo, vibrafone, piano e contrabaixo (2009)

Apesar do título, esta peça não pretende ser uma tentativa de fusão de linguagens musicais Oriente/Ocidente. Trata-se antes de um trabalho sobre a sonoridade dos instrumentos e das escalas disponíveis. Escrever para Gamelão é sempre um desafio, dada a complexidade rítmica e tímbrica que preexiste, aspectos que me interessaram em particular – e também por se tratar de um instrumento colectivo em que qualquer gesto deve ser repartido convenientemente (como um *naipe* de percussão alargado). Das

duas escalas possíveis no Gamelão de Java utilizei a escala *Pelog* (Ré, Mi, Fá, Sol sus, Lá, Si bem, Dó) em conjunto com a sonoridade de instrumentos ocidentais de afinação mais precisa que permitem outras combinações harmónicas.

COPYRIGHT © 2009, JOSÉ JÚLIO LOPES

JOSÉ JÚLIO LOPES

Nasceu em Lisboa em 1957. Começou por compor música de cena e actualmente o seu catálogo inclui música para orquestra de câmara, instrumental, vocal e coral, voz e piano, electroacústica e ópera. Estudou piano com Teresa Meneres e Nuno Vieira de Almeida e formação musical (AAM); composição com Fernando Lopes-Graça, Christopher Bochmann, Carlos Caires e António Pinho Vargas. Participou em *master-classes* e seminários de composição de Emmanuel Nunes na FCG (Lisboa) e Franco Donatoni na Royal Academy of Music (Londres). Completou um mestrado em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa e prepara actualmente o doutoramento sob o tema “Música, drama, novas media: a ópera do futuro” (UNL, DCC); é professor universitário e é também investigador no CESEM (UNL). Na sequência do seu trabalho inicial de composição para teatro (tendo trabalhado com encenadores como Filipe La Féria, São José Lapa, Alberto Lopes, Norberto Barroca, Jorge Castro Guedes, Carlos Fogaça, Paulo Monteiro, entre outros), interessou-se pela ópera e projectos de teatro musical, o que contribuiu para influenciar a sua convicção de que “a música contemporânea é essencialmente dramática”. Em 1986 apresentou *Averroes*, uma obra de teatro musical multimédia baseada num

conto de Jorge Luis Borges. Depois desta experiência, em 2000, compôs *Nefertiti*, uma ópera-teatro (que encenou, foi co-autor do libreto e que co-produziu com o TND Maria II e o Teatro da Trindade, subsidiada pela SEC). A sua música é regularmente apresentada e interpretada por importantes artistas, grupos e ensembles. Entre as obras mais significativas encontram-se *Ein Bahn Str – a small drama after RM Rilke* (Contr’Orchestra, Lúcia Lemos, Elizabeth Davis, CCB, 2003); *PYR* para orquestra de câmara (OrchestrUtopica, Tapio Tuomela, CCB, 2003); *Magma* (OrchestrUtopica, Cesário Costa, Casa da Música, concerto de inauguração em Abril 2005); *SpaceCtrl* para orquestra de câmara (OrchestrUtopica, Cesário Costa, Alter Schlachthof Dresden, Dresdner Musik Festspiele, 2005); *Dazibao* (Culturgest, 2006, Jean-Sébastien Béreau, maestro; Elizabeth Davis, percussão) e *Videowall* [muro da vergonha] (CCB, Festival Música Viva, 2006, António Quitalo, trompete solista). Em 2007, apresentou na Culturgest a sua última ópera *W* (Tapio Tuomela, direcção); em Janeiro de 2009 a peça *Verschwinden I* (CCB); em Abril do mesmo ano (Dias da Música), apresentou, incluídas no projecto Bach Bem Temperado as obras *MarimBach* e *Bach à Parede* (esta última em co-autoria com Filipe Esteves); e, em Setembro, estreou *Verschwinden II* (Culturgest), e *X-Acto* (CCB, OML, maestro Pierre-André Valade, actriz São José Lapa). Foi co-fundador e é director artístico da OrchestrUtopica.

IVAN MOODY

Birth of Leaves ***

(2009)

O título desta obra (Nascimento de Folhas) refere-se ao trabalho desenvolvido por cientistas que trabalham no Royal Holloway, Universidade de Londres, que levou às primeiras fotografias das actividades genéticas e celulares que acontecem durante o nascimento de folhas novas. Esta proliferação de células, nunca antes vista de maneira tão consistente, sugeriu-me de imediato a ligação com o meu interesse pelas técnicas heterofónicas (ou seja, a mesma melodia tocada ao mesmo tempo por vários instrumentos em variantes diferentes) que tenho desenvolvido durante os últimos anos, a proliferação melódica através da micro-ornamentação providenciando um paralelo — de maneira nenhuma literal! — com a proliferação das células da folha.

As cores singulares do *Bonang* representam talvez a luz necessária para a geração das melodias inerentes ao quarteto de instrumentos ocidentais (clarinete baixo, viola, violoncelo e contrabaixo); ao mesmo tempo é a interligação destes dois mundos — os da luz e da terra/os da percussão oriental e os instrumentos de sopro e de corda ocidentais — que subjazem a esta evocação poética de matéria científica. Assim, a obra foi concebida ao mesmo tempo como música de câmara e como uma espécie de concerto para o *Bonang*, para mostrar as extraordinárias habilidades musicais de Elizabeth Davis.

COPYRIGHT © 2009, IVAN MOODY

** Estreia absoluta

*** Estreia absoluta e encomenda da OrchestrUtopica

IVAN MOODY

Nasceu em 1964. Estudou música e teologia nas universidades de Londres, Joensuu e York. A sua música tem sido tocada e transmitida por todo o mundo e gravada nas etiquetas Hyperion, ECM, Telarc, Warner Classics e Sony.

As suas obras mais importantes são: *Passion and Resurrection* (gravada pelos Red Byrd e Cappella Amsterdam na Hyperion CDA 66999) e o *Akathistos Hymn* (gravado pelo agrupamento Cappella Romana na Gothic Records CD 49210). Obras significantes recentes incluem *Ravenna Sanctus*, escrita para Chanticleer (2006: gravado pela Warner Classics R2 146364); *Stabat Mater* (2008) para coro e quarteto de cordas, escrita para o Coro de Solistas da Noruega e encomendada pelo Festival Internacional de Música Eclesiástica de Oslo; e *Moons and Suns* (2008) escrita para o Ars Nova Copenhagen e o Quarteto de Saxofones Raschèr.

Encomendas recentes incluem obras para os King's Singers (estreia em Londres, 19 Novembro de 2009), Seattle Pro Musica (estreia em Seattle, Maio de 2010) e um quarteto com piano para Paul Barnes e o Quarteto Chiara (estreia em Nova Iorque, Abril de 2010).

Como maestro trabalha regularmente com vários coros e ensembles na Europa e na América e como musicólogo tem escrito sobre a música antiga e a contemporânea. É presbítero do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla e é actualmente Presidente da Sociedade Internacional para a Música Ortodoxa (ISOCM), sediada na Finlândia.
<http://www.ivanmoody.co.uk>

ELIZABETH DAVIS

Licenciada pela Universidade de Nottingham, estudou com J. Blades, A. Cumberland e Robert Hinze na Hochschule de Hamburgo. Licenciou-se com distinção em Tímpanos e Percussão na Royal Academy of Music (Londres). Foi percussionista principal e timbaleira da Orquestra Sinfónica do Porto (1989-1993) e, desde 1993, é coordenadora de naipe de percussão da Orquestra Sinfónica Portuguesa. Destaque-se o papel que tem vindo a desempenhar na divulgação da música contemporânea em Inglaterra, França, Itália, Austrália e Portugal, executando obras encomendadas a compositores ingleses, australianos e portugueses.

Actua regularmente dentro e fora de Portugal, destacando-se o Festival Internacional de Música de Darmstadt, onde foi intérprete premiada (1987) e os Festivais de Música Contemporânea da Fundação Gulbenkian, de Música Contemporânea de Lisboa, dos Capuchos e Porto 2001. Representou Portugal na World Orchestra of Peace, sob a direcção de Gergiev, no Royal Albert Hall. Trabalhou com a Orquestra Sinfónica da BBC, de Câmara da Europa, do Covent Garden e, como solista, com a Sinfónica Portuguesa, Nacional do Porto e com a OrchestrUtopica. Em Janeiro de 2009 apresentou-se no CCB como solista com a Orquestra Sinfónica Portuguesa no *Concerto para Percussão e Orquestra* de Jolivet. Colaborou com os agrupamentos Lontano, Music Projects, Koenig Ensemble e London Sinfonietta. Fundou o Lisbondromatic e é co-fundadora do duo Machina Mundi (com a flautista Katharine Rawdon). Este duo apresentou-se em Junho no Goodenough College, em Londres, em representação do Teatro Nacional de São Carlos.

Tem colaborado com António Pinho Vargas,

que lhe dedicou a obra *Acting Out*, cuja mais recente interpretação teve lugar em Julho de 2008 no CCB; a obra integra o CD do compositor lançado em Maio daquele ano. Num CD recente de Chris Dench oferece aquela que foi considerada a melhor interpretação de *Beyond Status Geometry*.

Foi responsável pela coordenação artística dos concertos e *workshops* de gamelão no Festival da Indonésia, que ocorreu na Fundação Oriente em Novembro e foi organizado em colaboração com a Embaixada da Indonésia.

Actualmente, está à frente do projecto para a primeira escola de gamelão em Portugal, em conjunto com a Embaixada da Indonésia e a Fundação Oriente. O próximo curso está agendado para Janeiro, Fevereiro e Março de 2010. Dirigiu *workshops* de Gamelão na Casa da Música em 2007 e 2008.

ORCHESTRUTOPICA

A OrchestrUtopica (OU) é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um instrumento para compositores. Fundada em 2001 — pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco, António Pinho Vargas e o maestro Cesário Costa — foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. Ao fim de oito anos já realizou mais de oitenta concertos em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a OU apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional.

Sempre que possível os compositores representados nos programas da OU são chamadas a participar em fóruns abertos de discussão com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

Nos concertos que já realizou a OU apresentou inúmeras obras encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar até agora com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier Cuendet, René Bosc ou Joan Cerveró, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krüs, e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboram com a OU que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências. A OrchestrUtopica beneficia de um subsídio plurianual do Ministério da Cultura/ DG-Artes (2003, 2004; 2005-2008; 2009-2012) e, desde a temporada de 2006-2007, é "orquestra em residência no CCB".

CCB

OrchestrUtopica

EM RESIDÊNCIA NO CCB

OBRAS DE JONATHAN HARVEY, CARLOS CAIRES,
ANDREIA PINTO-CORREIA

Genesis

ORCHESTRUTOPICA

12 DEZ

PEQUENO AUDITÓRIO — SALA EDUARDO PRADO COELHO
21H / M/12 ANOS

www.ccb.pt

Bilheteira online: traga o seu bilhete de casa

Nascimento,
criação,
origem, luz.
São estas
as ideias
centrais deste
concerto, numa
proposta da
OrchestrUtopica.

CARTÃO AMIGO CCB

MJC

Ministério da Cultura

dePARTES

ORCHESTRUTOPICA

EM RESIDÊNCIA NO CCB



CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANTÓNIO MEGA FERREIRA (PRESIDENTE) ANA ISABEL TRIGO MORAIS (VOGAL) MARGARIDA VEIGA (VOGAL)

CENTRO DE ESPECTÁCULOS DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO | FRANCISCO C. SASSETTI SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÉS DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ PRODUÇÃO INÉS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | INÉS LOPES | VERA ROSA ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS OMBERG DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA ESTAGIÁRIA FRANCISCA RODRIGUES | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA ALVES DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA | CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS | TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS | LUÍS SANTOS | RAUL SEGURO | TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | RUI CROCA | CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUIS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO | SIAMANTO ISMAILY TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA | LUÍS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

www.ccb.pt > bilheteira online / traga o seu bilhete de casa